

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 21

DOMINGO - 1 de Novembro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## O TRABALHADOR RURAL

ALGO de concreto, um efeito indubitavelmente útil, começa a ressaltar das eleições para deputados na legislatura que vai seguir-se, dentro do preceituado pela Constituição Política de 1953 — a atenção pertinente aos interesses da vida rústica, do homem que trabalha com o suor do seu rosto a terra que herdou ou comprou e da qual vive com mulher, filhos e empregados.

Para além das palavras de alta filosofia política, de baixa crítica iconoclasta, do desfiar de paixões, despeitos e ódios, de ambições desmedidas, de traições ao interesse geral da Grei, de fantasias, calúnias ou mentiras, de fincas ao galarim por vaidade pessoal, de tudo, em suma, que uma parca educação cívica, ainda não alfabetizada a população permite, para além dos arranjos dos «condutores» com o velho repasto do carneiro com batatas, para além das composições ditadas aos cidadãos pela «alfurja» — começou a ver-se, claramente, que o paisano, o saloio, o beirão, o transmontano, o algarvio, o alentejano, todos os provincianos, olhados no seu verdadeiro meio, estão sendo apreciados como realidade substancial que urge levantar da servidão da gleba em que uma monarquia retrógrada os deixou megalhados e um parlamentarismo de galinheiro os deixou esmagados.

Salazar, o amantíssimo filho da Senhora Maria do Rosário e seu marido, modestos pequenos proprietários de Vimeiro, Santa Comba Dão, homem que

## Pela Vila...

Já se encontram colocados, na Rua Teófilo Braga, os postes de sinalização de trânsito, faltando, apenas, a instalação da parte eléctrica e pequenos pormenores de acabamento.

Congratulamo-nos com este novo melhoramento, cuja falta se fazia sentir, especialmente de noite.

A Avenida da República, depois de colocados os novos candeeiros de iluminação pública, do lado do rio, tomou um aspecto muito melhor.

Resta, agora, proceder à modificação dos bancos all existentes, diminuindo-lhes a altura, pois, tal qual se encontram, são extraordinariamente incómodos.

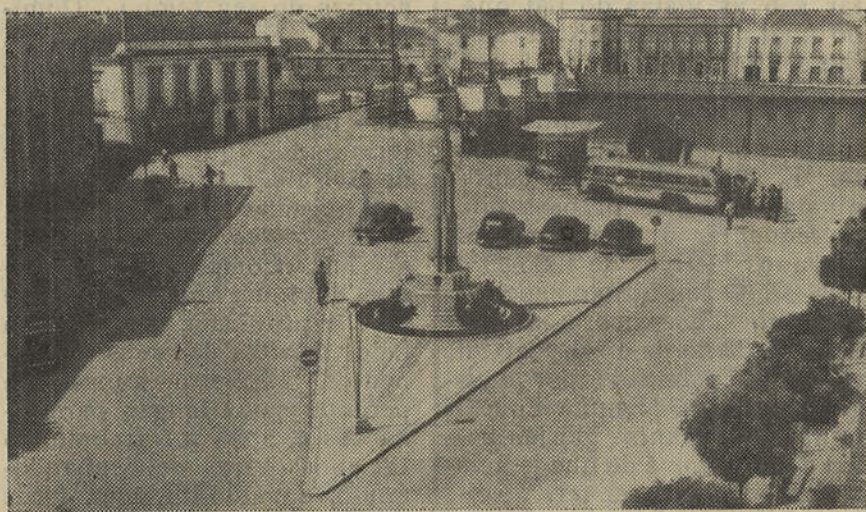
Há cerca de vinte dias, ou talvez mais, instalou-se uma «praia» sem mar, no cruzamento das ruas dos Combatentes da Grande Guerra e Dr. Sousa Martins, que está a pedir remoção. A quantidade de areia que ali se despejou, para uso de determinada obra, não se sabe onde, começa a tornar-se «W. C.» público de gatos e cães, e da garotada, com os naturais inconvenientes e incómodos para a vizinhança.

Chamamos para o caso a atenção de quem de direito;

POR  
A. BOAVENTURA

excepcionalmente conhece o hortelão, o cavador de enxada, o médico de aldeia, o advogado, a vida concelha da pequena cidade, da Universidade, do Ministério e do Governo — homem que convive com o clero, a «ciência», o exército e de quem

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)



Um aspecto de Tavira — terra natal de António Pinheiro

## UM ACTOR ALGARVIO

# ANTÓNIO PINHEIRO

NOSSO teatro moderno nasceu em 1836, mercê da tenacidade de Almeida Garrett. São dessa época os actores Epifânio, Tasso e Rosa pai que, sem sombra de dúvida, se podem considerar os mestres dos artistas que, mais tarde, surgiram: Taborda, Isidoro, Vale, António Pedro, Santos Pitorra e, anos depois, João e Augusto Rosa, Eduardo Brazão e António Pinheiro. Estas foram as nossas primeiras grandes figuras teatrais, postas por ordem cronológica e não por ordem de valores. Os «grandes» não se medem aos palmos. São simplesmente «grandes».

Neste momento, porém, importa-nos focar de António Pinheiro, que nasceu em Tavira em 1867, isto é, há 86 anos.

Trata-se duma figura de nossos dias que, em vida, iluminou os palcos com o seu talento, distinguindo-se ainda mais pela requintada cultura que possuía.

## Clínica de Santo António

Inaugura-se hoje, nesta vila, sob a direcção do sr. Dr. Albano de Lencastre, distinto médico e cirurgião, a Clínica de Santo António — Casa de Repouso e Saúde — situada no extremo sul da Rua Jacinto José de Andrade, melhoramento que muito se fazia sentir na nossa terra.

Agradecemos a amabilidade do convite e no próximo número faremos referência às suas instalações.

DIRECTOR

JOÃO ADELINO DIAS PENA

## “MARROCOS ANDALUZ”

POR  
Dr. F. FERNANDES LOPES

Benumeia que a avaliar por este sobrenome terminal devia, pelo lado materno ter costela arábica...

E como os livros não são para mim senão instrumentos de trabalho, de que a gente se serve nas ocasiões precisas, sucede agora que o girar da minha roda enciclopédica, levando-me ao Marrocos espanhol precisamente, me fez ir passar a atenção pelo dito livrinho.

Direi que é preciosamente curioso; e assim, tendo escrito já a saber do autor, com quem preciso entender-me, não quero deixar de resumir aqui o teor da sua doutrina, porque bem merece ser divulgada, ainda que dela se possa discordar em parte ou no todo mesmo, — como porém não creio.

Limito-me, bem entendido, a expor o pensamento do autor sem o confundir com qualquer consideração crítica da minha lavra.

### Penibética e Estreito

O Sul de Espanha e o Norte de Marrocos fazem parte dum mesmo conjunto orográfico, feito à base da cordilheira Penibética; e esta identidade geográfica originou a identidade humana que sempre tem existido entre os habitantes deste duplo solo igual do Estreito. Este contacto entre as duas regiões físicas serviu também para pelo Sul virem estabelecer-se na Espanha as raças vindas de África e do Oriente mais próximo; ao mesmo tempo que pelo lado Norte da Península apareciam nos Pirinéus influências raciais do lado da Europa. A Espanha é assim uma ponte entre os dois continentes.

Ora sendo assim a Espanha e o Norte de África as duas metades dum fruto partido — maior todavia o pedaço do Norte que o do Sul, é, visivelmente, o «conjunto geográfico

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

## Delegação da Ordem dos Advogados em Faro

Na última Assembleia Geral de Advogados inscritos na Comarca de Faro, foram eleitos, por unanimidade, os srs. Drs. Mário Lyster Franco, illustre Director do nosso prezado colega «Correio do Sul», António Miguel Galvão e Joaquim Rita da Palma, para constituírem a Delegação comarcã daquela Ordem para o triénio 1954-1956.

## «La Higerita»

Este nosso prezado colega espanhol, que se publica em Isla Cristina, teve a gentileza de transcrever, na íntegra, e em português, a breve notícia em que referimos a distinção honorífica conferida pelo Governo Espanhol a D. Juan Mirabent, Alcaide daquela cidade andaluza.

Agradecemos.

## Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

### Diário

A mãe trabalha aqui ao lado, na fábrica de borracha. Anda aos três dias por semana. Mas então, senhora Maria, quem trata do pequeno? E' a Lúcia. A Lúcia? Mas a pobre criança sabe? Ora, minha senhora, trata dele como uma velha ajuizada e mãe de família.

A vida está cheia de coisas maravilhosas. Não apenas o sol, as flores, a suavidade deste Outono que esmorece. A Lúcia, aquela menininha de oito anos que de vez em quando vejo passar aqui na rua, de sandálias e de saquinha de juta na mão, a caminho da escola. Tirei-me de meus cuidados e fui à Rua das Fontainhas. Bati: Ouviram-se uns passos leves, seguidos de um choro aflitivo. A própria Lúcia veio abrir. Quando me viu não soube que dizer nem que fazer. Mas o primeiro gesto foi pôr a mão sobre a nudez dos joelhos. Continua a trabalhar — disse eu. Passei por aqui e lembrei-me de ver se a mãe estava. Não senhora, está para a fábrica. Não foste à escola? Hoje não fui. Sentei-me no mocho da cozinha. Lúcia ageitava o menino ao colo. Chegou-lhe o biberão com estranha cautela. Assim franzina com os cabelos ralos caídos para a testa, a pele do rosto engelhada e macilenta... Mimava com uma voz que me inundou o coração de ternura.

— Bebe, nino, bebe tudinho é tudo pa vomecê.

— Então Lúcia, não gostavas mais de andar lá por fora, estar na escola?...

— Pois, mas o menino precisa... Deixem que as lágrimas corram dos meus olhos. E' de felicidade. Como não sentir-me orgulhosa destas crianças, deste povo?

### Comerciantes

São tão infantis! Sempre prontos a acreditar... Que boa-fé inesgotável! E de repente começo a pensar se aquela boa-fé não será antes um bom negócio...

### Lição

Não há dúvida, ah! Não há dúvida que a única escrita eterna é a que se grava no povo!

### Apontamento

Assim, madame? Ou deseja um pouco mais decotado, assim. De facto, fica-lhe melhor, faz realçar ainda a frescura da pele. O' madame como lhe fica bem, a sua elegância natural ajuda madame mas o feitio é muito curioso e o padrão de muito bom gosto e depois nada visto. Perfeitamente madame tê-lo-á amanhã à noite sem falta. O marido da madame continua em Paris não é verdade. O' sim, madame. Perfeitamente madame perfeitamente compreendi madame perfeitamente.

### Um raminho de três rosas

Viver sem honra ets a pior das mortes. A's vezes conquista-se, com a morte, o direito à vida. Vibe, em toda a sua plenitude, a hora que passa; lembra-te de que passas, com ela.

Est' número do «Notícia» do Algarve tem 6 páginas e foi visado pela Comissão da Censura.

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Com sua esposa e gentil filha, seguiu à dias para Lisboa o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Capitão Joaquim Guilherme Travassos, que passou entre nós a época de verão.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Hugo Celorico Drago, residente em Faro.

Com pouca demora, esteve nesta vila com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Cumbreira Ramirez, gerente da filial da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C., em Portimão.

Em gozo de férias, esteve em Faro com sua esposa, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Joaquim Sebastião Rainha, tendo já retomado as suas funções de chefe da Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, nesta vila.

Regressou de Faro, com sua esposa e filha o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel André Simões, piloto da Barra e Rio Guadiana.

Também regressou de Lisboa, o nosso prezado assinante, sr. Alvaro do Carmo Padesca.

Regressou a sua casa em Sintra, o sr. Ivo Neto Madeira Nobre, com sua esposa, sr. D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros, filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. Dr. João Domingues Medeiros.

A passar umas curtas férias, encontra-se nesta vila, o sr. Fernando Leonel Viegas Alvares, estudante de medicina, em Lisboa.

Encontra-se em Lisboa, a menina Maria de Fátima Carrilho Medeiros, filha do nosso prezado assinante, sr. Jorge Medeiros.

Foi a Lisboa, o nosso prezado assinante, sr. Dr. Alonso Vasques, sócio-gerente da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.

Regressou de Santa Margarida, onde esteve nas Manobras Militares, o Furriel Miliciano sr. Manuel Martins Viegas Alvares, funcionário da Agência do Banco Português do Atlântico, nesta vila.

Esteve nesta vila, de visita a seus pais, o sr. Fernando Vargas Marques, filho do nosso prezado amigo e assinante, sr. José Rodrigues Marques.

Também estiveram nesta vila, durante alguns dias, os estudantes srs. António Manuel Capa Horta Correia e António Campinas.

## Casamento

Na Sé de Aveiro realizou-se o casamento da sr. D. Maria Celeste de Oliveira Salgueiro, filha da sr. D. Ascensão de Oliveira Salgueiro e do sr. Egas da Silva Salgueiro, administrador da Empresa de Pesca de Aveiro e provedor da Santa Casa da Misericórdia daquela cidade, com o sr. Eng.º Paulo de Sealva Ferreira da Fonseca, filho da sr. D. Maria Domingues da Fonseca Sealva e do sr. Joaquim Sealva, proprietário. Foram padrinhos, da noiva, seu pai e sua tia, sr. D. Alda Salgueiro Ribeiro Lopes, e do noivo, seu pai e sua tia sr. D. Ismália Marques de Sealva. O casamento, que teve a bênção papal, foi celebrado pelo arcebispo-bispo da diocese, sr. D. João de Lima Vidal, e profereu uma prática aos noivos. A missa, com acompanhamento vocal e instrumental, foi rezada por mons. Raul Mira. Em casa dos pais da noiva foi servido um copo de água aos numerosos convidados, tendo brindado alguns destes, entre os quais o prelado, o sr. Coronel Dias Leite, Governador Civil do Distrito e o pai da noiva.

Na «corbeille» viam-se numerosas prendas, algumas de grande valor artístico e material.

Os noivos, assim como seus pais e uma grande parte das senhoras e cavalheiros que tomaram parte na cerimónia, visitaram a nossa terra, em Março último, quando da festiva recepção dispensada ao atuneiro «Rio Agueda», da primeira vez que visitou o nosso porto. Então uma das placas da Rua de Aveiro foi descerrada pela sr. D. Ascensão de Oliveira Salgueiro, esposa do grande amigo da nossa terra, sr. Egas da Silva Salgueiro, tendo nessa ocasião a sr. D. Maria Celeste de Oliveira Salgueiro, que é uma inspirada poetisa, dedicado uma simpática saudação em verso à nossa Vila.

Aos noivos, que partiram para o estrangeiro, deseja o «Notícias do Algarve», as maiores felicidades.

## Noticiário da Província

## PORTIMÃO

## Instantâneos da vida Portimonense

O aspecto da cidade vai sofrer ligeira alteração com a breve inauguração de dois modernos estabelecimentos, que se situam nas ruas Dr. António Candido e 5 de Outubro e que são, respectivamente, um novo estabelecimento de papelaria e as novas instalações da filial do Banco Nacional Ultramarino, que se devem a intenções louváveis de bons amigos de Portimão.

Realiza-se muito breve a tradicional Feira de S. Martinho, que, certamente, atingirá idêntico esplendor aos anos anteriores.

O Cine-Teatro, após a exibição de boas películas italianas, continua a apresentar obras de médio valor artístico. Merece destaque especial o filme «Robin Hood» de Walt Disney, apresentado no passado dia 25 de Outubro.

Apesar de leves melhorias, o Comércio local atravessa um difícil período de negócio, que tende a agravar-se ainda mais.

Está em projecto a edição de um novo jornal regionalista, que bastante virá auxiliar a Imprensa Algarvia e que tem por missão defender os interesses desta localidade.

No desafio levado a efeito no Barreiro, o Portimonense Sporting Clube venceu o Luso por 2-1 bolas, marcando superioridade sobre o adversário em diversos lances da partida.

Tendo o sr. Dr. Luciano Pereira sido transferido, a seu pedido, para Montijo, um grupo de dedicados amigos ofereceram-lhe no passado dia 24, no Grande Hotel da Praia da Rocha, um jantar de homenagem tendo durante o repasto sido trocados significativos brindes.

O sr. Dr. Luciano Pereira que exercia o cargo de notário na Secretaria Notarial de Portimão, partiu no passado dia 26 para Montijo onde assumirá idênticas funções.

Pessoa geralmente bem estimada, de carácter recto e justo e dotado de coração bondoso, deixa o sr. Dr. Luciano Pereira muitos amigos nesta cidade e que de todos os modos lhe manifestaram o seu pesar pelo seu afastamento.

«Notícias do Algarve» e o seu representante local, que tem pelo sr. Dr. Luciano Pereira a maior estima e apreço, notam com pesar a sua ausência e desejam-lhe as maiores felicidades no seu novo domicílio. — C.

## SILVES

## Feira de Todos os Santos

Iniciou-se ontem e termina amanhã, a grande Feira de Todos os Santos, na qual se fazem muitas transacções comerciais e o arrendamento de propriedades.

Atendendo ao número de feirantes, a feira promete ter bastante concorrência.

## Grémio do Comércio

Foi criado junto da Secretaria do Comércio de Silves, uma secção de contencioso, com o fim de beneficiarem gratuitamente os seus agremiados com assistência jurídica, referente a litígios que resultem da actividade comercial. — C.

## Falecimento

## D. Maria de los Dolores Romero Amor

Em Madrid, onde se encontrava, faleceu, recentemente, a sr. D. Maria de los Dolores Romero Amor, de 59 anos de idade, irmã extremosa do sr. D. Luís Romero Amor, distinto Agente Consular de Espanha, nesta vila.

Senhora muito virtuosa e dotada de extrema bondade, deixou, em todas as pessoas, que com ela privavam, um sentimento de sincero pesar.

A família enlutada, e, especialmente, ao ilustre representante consular de Espanha nesta vila, D. Luís Romero, apresentamos as nossas condolências.

Não hesite, anuncie no «Notícias do Algarve» e verá aumentar as suas vendas.

## António Pinheiro

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

o Teatro Therpsicore que era local onde a matulagem pateava sem coração os deslises dos furiosos amadores. O pai que já suspeitava das suas actividades dramáticas foi, em dia de representação, surpreendê-lo de cara borrada, prestes a entrar em cena. E como pretendia fazer o filho médico, ficou desapontado e não se conteve sem lhe bradar:

— Palhaço!

E logo o moço, muito preunçoso dos seus créditos:

— Palhaço?

A fúria do velho redobrou: — Palhaço, sim! O que é que você é senão um palhaço? Não lhe tenho dito mais de uma vez que não quero que entre em espectáculos nesta praça de touros?

Afinal tudo se resolveu a título precário. A muito custo Pinheiro conseguiu representar sob as vistas do pai que, no final, já a caminho de casa, lhe confidenciou:

— Andaste bem!

Essa confidência equivoaleu, tacitamente, ao consentimento. E, assim, Pinheiro continuou furioso amador, passando a frequentar o Conservatório nos anos lectivos de 1885-86 e 1886-87. O seu último espectáculo no Therpsicore deu-se em 2 de Maio de 1886 e aí foi rijamente palmeado por amigos e colegas. Seguiu no caminho onde tantas glórias havia de alcançar e de que jamais se havia de arrender.

Uma tarde, salvo erro na Rua do Arsenal, Gervásio Lobato encontrou Pinheiro e convidou-o a entrar no Ginásio. Foi assim que este se estreou em 28 de Outubro de 1886 com a peça «Nobres e plebeus». Desta vez ainda os colegas o palmearam mas... a crítica foi severa e o Vale, por alcuha o Vale do Ginásio, dizia à boca cheia:

— E' melhor que o rapaz se deixe de teatro! Não tem habilidade! Nunca há-de fazer coisa alguma!

O ambiente à volta do novo artista obscurecia-se e, como resultante, acabado o contrato, foi posto de parte como objecto sem valor. Desprezado, sem conhecer ninguém, ingressou numa companhia que tinha o seu primeiro espectáculo marcado no Montijo. Esse espectáculo não se chegou a realizar porque... apenas um bilhete foi vendido!

Pinheiro voltou a Lisboa e posto o drama da sua vida a Gervásio Lobato foi este que lhe abriu as portas do D. Maria, onde trabalhava a empresa Rosas & Brazão. Estreou-se aí em 23 de Novembro de 1887. Desta vez agradou e no final da temporada Luís Braga Júnior levou-o até ao Brasil. Tinha apenas 20 anos.

Após o regresso, em 1889, Pinheiro desceu até ao Algarve donde tinha saído com 5 anos. Em Lagos representou no Gil Vicente; em Portimão numa barraca de lona; em Loulé na sacristia duma ex-capela. Assim chegou até Tavira onde os patrícios o receberam delirantemente, embora levando-lhe o couro e o cabelo nas compras do mercado!

Pelos vistos, a Glória nunca se deu muito bem com o comércio...

O Brasil atraia-o: Em 1891 lá foi mar fora em busca da árvore da pataca que, nesse tempo, era uma realidade bem viva; em 1895 nova fuga com a companhia do teatro Príncipe Real (!).

No outro lado do Atlântico, o actor algarvio ganhou fama, percorrendo de lés a lés o Estado de S. Paulo. Voltou a Portugal a convite de Eduardo Brazão para actuar no Teatro de D. Maria.

Em 1898 uma reforma infeliz fez que Rosas & Brazão ingressasse em bloco no D. Amélia (?). Aqui se inicia verdadeiramente a carreira do empresário Luís Braga Júnior, um brasileiro que, por seus negócios infelizes, viera para Portugal onde tomou o nome de Visconde de S. Luís de Braga. Este homem, de um dinamismo e visão extraordinários, colocou ao seu serviço a fina flor dos actores do seu tempo. Dominou-os. Fez deles o que quiz.

Em 1901 uma série de companhias estrangeiras passaram pelo palco do D. Amélia, determinando que o Visconde de S. Luís, que acima de tudo era negociante, formasse com o núcleo dos seus artistas, a garrida «Companhia inglesa» que enviou para a Madeira e para a província, sem atenção pelos méritos dos seus componentes. Pinheiro nunca lhe perdoou estas longas peregrinações e, após ter trabalhado 12 anos junto dele abandonou-o, abrindo-lhe uma feroz campanha de descrédito.

O então já eminente actor passou-se para o Príncipe Real onde se encontrava a data da implantação da República.

(1) — Actualmente designado Teatro Apolo.

(2) — Mais tarde designado por S. Luís, em homenagem ao seu antigo empresário Visconde de S. Luís.

J. Silva Carvalho

## CINEMA

## Panorama do Festival de Veneza

● O Júri do Festival de Veneza não concedeu este ano o famoso «Leão de Ouro de São Marcos». Em compensação, nada menos de seis filmes, todos de nações diferentes, receberam seis Leões de Prata. Eis os premiados!

Renji Mizoguchi, director do filme japonês «Ugetsu Monogatari»; Federico Fellini, pela sua obra «I Vitelloni» (Os provincianos); Ray Ashley, Morris Engel e Ruth Orkin, autores do filme «The Little Fugitive» (O pequeno fugitivo);

John Huston, realizador de «Moulie Rouge»;

Marcel Carné, director de «Terezza Raquén»;

Alexandre Ptuscko, director do filme russo «Sadk».

● Edoardo Bruno, da revista «Fil mocrítica» de Roma, escreveu acerca da apresentação brasileira no mesmo festival:

«Do cinema brasileiro já havíamos formulado uma boa impressão este ano em Cannes vendo o filme «O Cangaceiro»; os motivos, por assim dizer, sociais, daquela obra, não ampliados em «Sinhá Moça». Descreve o ambiente do Brasil no fim do passado, com a revolução dos escravos preparada pelos abolicionistas e também a grande batalha final, que culmina com a

## AGENDA

Movimento da Boia de Vila Real de Santo António de 23 a 29 de Outubro:

Trainceiras:	
Raulito	45.760\$00
Maria Rosa	36.875\$00
Flor do Guadiana	33.590\$00
S. Domingos	28.515\$00
Norte	24.385\$00
Janita	15.180\$00
Leste	15.070\$00
Liberta	13.900\$00
Flor do Sul	7.220\$00
Persistente	6.975\$00
Pérola do Guadiana	6.470\$00
Tufão	5.270\$00
Jomanel	820\$00
Total	240.030\$00

Cercos:	
S. José 3.º	2.175\$00
Futuro de Olhão	520\$00
Total	2.695\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 24 a 30 de Outubro:

Entradas:	
MADEIRENSE, Português, de 497 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.	
MADALENA, Português, de 1199 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.	
COSTEIRO, Português, 629 de toneladas, de Lisboa, vazio.	
DELIA, Alemão, de Faro.	

Saídas:	
MADEIRENSE, Português, para o Funchal, com sal.	
MADALENA, Português, para o Funchal, com sal.	
ALABE, Panamiano, para Roterdão, com minério.	
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério.	
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.	

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 31 de Outubro, a 6 de Novembro a Farmácia Silva, Rua Dr. Miguel Bombarda - Telefone 64.

## Concurso Nacional de Trabalho

O representante pelo Algarve, da Mocidade Portuguesa de Vila Real de Santo António, filiado António Aguedo Afonso Gomes, da secção Rádio-Montador, conquistou brilhantemente o primeiro prémio.

ansiada e conquistada liberdade. «Sinhá Moça» dirigida por Tom Parque pode considerar-se quase uma boa surpresa, no sentido em que este filme, ainda que sem manifestar grandes qualidades estilísticas, logra colocar-se nalguns momentos num grande plano de dignidade artística, desenrolando acções e personagens sempre a partir de um ponto de vista humano.

Isto disse Edoardo Bruno. Por seu lado, o Júri do Festival outorgou a Tom Parque um Leão de Bronze, ao lado de Yves Allegret, Rafael Gil e Samuel Fuller...

## Livros de Cinema - Novidades Francesas...

● Georges Sadoul publicou o quarto volume da sua «História Geral do Cinema».

● O mesmo consagrado crítico editou num 16 volume, em Flammarion, «História da Arte do Cinema».

● René Jeanne e Charles Ford acabam de publicar o segundo tomo da sua «História Enciclopédica do Cinema».

Vitoriano Rosa

# Vida Literária

por João A. Mendes Leal

## O FIM DA AVENTURA - Romance de Graham Greene

GRAHAM GREENE nasceu a 2 de Outubro de 1904. Tem hoje, portanto, quarenta e nove anos. Fez os estudos em Balliol College, em Oxford, e em 1926 já era vice-director do «Times», lugar que ocupou até 1930. De 1935 a 1939 ocupou o cargo de crítico cinematográfico do «The Spectator». A guerra veio encontrá-lo no Ministério da Informação, de onde transitou, após um ano passado em África, para o Foreign Office. Escreveu o seu primeiro romance quando tinha vinte e quatro anos, e de então para cá quase todos os anos publica um novo volume. A sua já vasta obra abrange o romance, a novela e apontamentos de viagem. Cinco dos seus romances foram já adaptados para o cinema, não contando com o famoso «Terceiro Homem» que foi especialmente escrito para a tela. A candidatura de Graham Greene ao Prémio Nobel de Literatura — que acabou por ser atribuído a François Mauriac — marca o apogeu justíssimo da sua fulgurante carreira no domínio das Letras. Não é realmente muito frequente aparecer um pretendente ao mais prestigioso prémio literário que o Mundo conhece, com menos de cinquenta anos. «O Prémio Nobel ter-me-ia ilustrado. François Mauriac ilustrou o Prémio Nobel» teria declarado Graham Greene ao ter conhecimento do nome do laureado.

Eis um pequeno apanhado do que tem sido a actividade literária do homem que escreveu o romance «O Fim da Aventura» que os Estudos Cor lançaram recentemente no mercado livreiro. Se já tínhamos recomendado aos nossos leitores o prazer dos dois livros que antecederam a publicação em língua portuguesa de «O Fim da Aventura», não podemos, agora, senão dar-lhes um outro conselho — leiam este extraordinário romance!

O autor apossa-se, desde a primeira página, não só do leitor — o que já não seria mau — como também das suas próprias personagens. Sente-se em cada linha, ao longo de todas as páginas, a existência quase palpável das três figuras que constituem o trio clássico do romance de intriga amorosa — Ela, o marido e o amante. Graham Greene conseguiu, partindo dum assunto que se considerava já como completamente esgotado e estafado, compôr uma obra cem por cento original. Esse é o grande mérito de «O Fim da Aventura».

A par deste triunfo, que tem que estar na base de qualquer êxito literário — a originalidade — temos ainda que colocar o maravilhoso poder de descrição que é, aliás, uma das características dominantes do estilo de Graham Greene.

Para quem conhece «O Terceiro Homem», «O Fim da Aventura» não pode deixar de constituir uma agradável surpresa, por tal forma lhe é superior. Graham Greene imprimiu às personagens deste seu último romance uma humanidade que tinha quase deixado escapar em «O Terceiro Homem». Há mais verdade humana em «O Fim da Aventura». Há mais intensidade dramática. Há mais vida e mais realidade. Por tudo isto, e por tudo aquilo que só a própria leitura pode comunicar, recomendamos uma vez mais a leitura de «O Fim da Aventura».

Esperamos que Estudos Cor continuem trilhando o mesmo caminho que a si mesmo impuseram. Há realmente muitas lacunas a preencher e muitos vazios que não devem continuar. Ficamos pois aguardando o 4.º volume desta colecção em tão boa hora iniciada.

## NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

● O célebre autor holandês Jan de Hartog recebeu recentemente as Palmas Académicas. Notemos a propósito deste escritor de LIT — adaptada por Colette — mas ainda um filme de origem americana — «The Four Posters» — baseado na mesma peça.

● «O Caso Cicero», que continua a gozar do privilégio de apaixonar o público, quer sob a sua forma literária, quer sob a forma cinematográfica, não está ainda encer-

rado. O seu autor, L. C. Moysisch é de opinião que o filme extraído do seu livro não corresponde à realidade. Acrescenta ainda que o famoso espião conhecido pelo nome de Cicero, completamente arruinado, vive na Turquia onde ganha o seu pão de cada dia, cantando pelos «cabarets». «Sic Transit Gloria Mundi...»

● A Colecção «Cruzeiro do Sul», dirigida por Paul-Emile Victor, o

(CORRUI NA 3.ª PÁGINA)

## GAZETILHA

### FINADOS

*E' uma folha caída do calendário da vida cada ano que se esfumou, nuns deixa vaga tristeza, em alguns sonho ou beleza e por outros... nem passou!*

*A lembrar aos esquecidos os anos que são vividos inventou-se a tradição, que, matematicamente, à orbe torna presente se a hora é de festa ou não.*

*Novembro tem, irmanadas, duas datas memoradas de bem diferente maneira: hoje, a de Todos os Santos depois, a dos muitos prantos, triste esta, alegre a primeira.*

*Finados, data simbólica sempre e sempre melancólica! Vão flores ao cemitério, saudades que se ofereceram aos que nos antecederam rumo ao país do mistério.*

BIN OCLO

## Através do Passado

### OUTONO

Por MARCOS ALGARVE

O OUTONO é a mais harmoniosa das estações do ano em Portugal — harmonia nos astros, nos campos e nos mares.

No Algarve, de tardes serenas, as núvens distantes tomam a configuração de cavalgadas fantásticas, levemente coloridas de tons de opala.

Os poentes são mais melancólicos e enternecedores.

A poesia da solidão estende as suas asas de veludo.

O calor do Verão diluiu-se.

As andorinhas preparam-se para imigrar. O Inverno, a pesar de longínquo e encoberto, tenta aproximar-se.

Nestes dias serenos e luminosos, minguados e alacres, porém uma neblina espessa alastra pelo Mundo.

E' a neblina das multidões, é a neblina das ambições — a neblina das paixões!

Onde existe a clara visão do Homem e da Justiça?

Entre italianos ou jugoslavos? Entre americanos ou russos?

Os italianos querem Trieste — com fundada razão.

Os judeus querem uma parte

(CORRUI NA 5.ª PÁGINA)

## XII-O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO

### FAMÍLIAS RADIOACTIVAS - PERÍODO RADIOACTIVO - PRINCÍPIO DA CAUSALIDADE

pelo Capitão ANTÓNIO GONÇALVES

FAMÍLIAS RADIOACTIVAS — Chama-se família radioactiva ao conjunto de elementos que, a partir de um radioelemento, por transmutações espontâneas sucessivas, dá um elemento estável.

Os radioelementos podem ser naturais ou artificiais. Os primeiros são os que se encontram na natureza, conhecendo-se hoje cerca de quarenta e quatro. Os artificiais, actualmente em grande número, são obtidos por meio de ciclotrões e com pilhas atómicas como adiante veremos.

a) *Radioelementos naturais* — Dos radioelementos naturais conhecidos, quarenta pertencem às três famílias já hoje clássicas do urânio, do actínio e do tório.

Os restantes quatro são:

$K_{19}^{40}$ ,  $Rb_{37}^{87}$ ,  $Sm_{62}^{148}$  e  $Lu_{71}^{176}$

que se transmutam por via beta, à excepção do sámario, que se transmuta por via alpha.

— Família do urânio, ou série  $4n + 2$ . Todos os seus elementos têm um número massa que é múltiplo de quatro mais duas unidades. Tem início no isótopo de urânio 238 e termina no isótopo estável de chumbo de massa 206.

— Família do actínio, ou série  $4n + 3$ . Todos os seus elementos têm um número massa que é múltiplo de quatro mais três unidades. Tem início no urânio 235 e termina no isótopo estável do chumbo de massa 207.

— Família do tório, ou série  $4n$ . Todos os seus elementos têm um número massa que é múltiplo de quatro. Tem início no isótopo do tório de massa 232, e termina no chumbo de massa 208.

b) *Radioelementos artificiais* — Constituem estas radioelementos uma quarta família conhecida por:

— Família do plutónio, ou série  $4n + 1$ . Todos os seus elementos têm um número massa múltiplo de quatro, mais uma unidade. Tem início no transuriano plutónio e termina no isótopo do bismuto de massa 209.

Como já vimos, enquanto que os radioelementos naturais só se podem transmutar por via alpha ou beta, acompanhados ou não de radiações gama, os radioelementos artificiais transmutam-se também por via positónica, acompanhada ou não de radiações X.

PERÍODO RADIOACTIVO — Chama-se período radioactivo ao intervalo de tempo necessário para que o número de átomos de qualquer parcela dum elemento radioactivo se reduza a metade.

O período radioactivo é muito variável, função do elemento que está em jogo. Assim, o período do rádio é de 1950 anos, enquanto que o do actínio é de 3,92 segundos.

Para cada elemento radioactivo considera-se o seu período invariável, porquanto até hoje não foi possível acelerar ou atrazar a emissão de partículas radioactivas.

PRINCÍPIO DA CAUSALIDADE — A transmutação atómica não parece obedecer a qualquer lei. Assim, por exemplo, um átomo de rádio que acabou de sofrer uma transmutação, tanto pode sofrer nova transmutação daí a uns segundos, como daí a centenas de anos, não se conhecendo, pelo menos até hoje, a causa que originou a transmutação.

E' este um dos motivos que leva certos físicos de renome mundial a pôr em dúvida o princípio da causalidade, considerando-o mais um hábito do raciocínio do que uma necessidade científica.

PRODUÇÃO DE RAIOS X — Interpretemos agora, à luz dos novos conhecimentos adquiridos, a produção das radiações X da experiência de Roentgen.

A corrente eléctrica é, como hoje se sabe, um deslocamento de electrões. Ao estabelecer-se uma forte tensão entre os electrodos de uma ampola de vácuo, os electrões são projectados com grande velocidade sobre o anticátodo, formando a chamada corrente catódica, em virtude de não serem praticamente impedidos no seu trajecto pelos átomos dos elementos constitutivos do ar atmosférico, e da aceleração a que são submetidos, provocada pela forte diferença de tensão.

Ao ser bombardeado o anticátodo com esta forte corrente electrónica, sucede que os electrões, devido à grande velocidade de que vão animados, passam pelas primeiras camadas electrónicas do anticátodo, acabando por chocar com os electrões das camadas mais profundas, deslocando-os das suas órbitas.

Como já vimos, isto provoca saltos electrónicos das órbitas exteriores para as órbitas interiores, o que se fez acompanhado da emissão de fotões X.

Para aumentar o número de electrões da corrente electrónica, faz-se aumentar a temperatura do cátodo, o que se consegue considerando-o um filamento pertencente a um circuito eléctrico, no qual está intercalado um réostato.

Como, por outro lado, a energia que se confere à corrente catódica é função da diferença de tensão, manobrando estes dois factores consegue-se regular a intensidade das radiações X que se pretende.

## Novas Notas de 50\$00

O Banco de Portugal vai proceder à emissão de uma nova chapa de notas de 50\$00 — Chapa 7 — com a effigie de Fontes Pereira de Melo e, no verso, a reprodução da estátua «O Pensador».

## «Gazeta de Paraopeba»

Recebemos a visita deste interessante semanário brasileiro, que se publica no Estado de Minas e é dirigido pelo sr. Manuel António da Silva. Vamos permutar.

## SER POETA

Ser poeta, afinal, é descobrir  
Em cada coisa um toque de beleza.  
E' poder com engenho traduzir  
Esse livro invulgar da natureza.

E' saber decifrar a voz do mar,  
O rugido do vento e das procelas.  
E' entender nas noites de luar  
A secreta linguagem das estrelas.

E' vibrar ante a graça, a luz, a cor  
Dum claro alvorecer ou dum poente.  
E' ver em cada pedra, em cada flor,  
Um ser que vive e sofre como a gente.

E' confundir o sonho e realidade  
Dos dois fazendo apenas um só ser.  
E' conhecer o abismo da ansiedade  
E a suprema alegria de viver.

(Aveiro)

È ver nas trevas a réstea dum clarão;  
Mudar em harmonia os sons dispersos.  
Sentir a dor em pleno coração,  
E fazer dela o sangue dos seus versos!

E' pretender lançar o mundo todo  
Dentro do coração a palpar,  
Querer sair da terra e do seu lodo  
E, sem ter asas, pretender voar...

È ter a faculdade de sentir  
Acima da vulgar medida humana.  
Sofrer mais do que os outros, e a sorrir  
Fazer dum grande affecto intensa chama!

Sofrer mais que o comum, terrível fado!  
Amar mais do que os outros, maior dor!...  
Antes ter um destino de ignorado  
Antes não ser poeta! È bem melhor!

MARIA CELESTE

**Grupo União Sport**

FUNDADO EM 1914

**MONTEMOR-O-NOVO**Ex.<sup>mo</sup> Sr.Proprietário da «Pensão Mateus»  
Vila Real de Santo António

Só agora nos foi possível escrever a V. Ex.<sup>a</sup> para manifestarmos os nossos agradecimentos pela maneira como fomos recebidos e tratados na Pensão de que V. Ex.<sup>a</sup> é muito digno proprietário. Com os nossos cumprimentos nos subscrevemos.

Pela Direcção do Grupo União Sport  
O Secretário

a) António Jacinto G. Bravo

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

**ANÚNCIO**

O Doutor Francisco Nunes Correia, Juiz de Direito na Comarca de Vila Real de Santo António:

FAZ SABER que no dia 9 de Novembro próximo, pelas 15 horas, à porta deste Tribunal, se há-de proceder à arrematação em hasta publica, em primeira praça, pelo maior lance oferecido, acima dos valores indicados, dos prédios abaixo mencionados, penhorados nos autos de execução fiscal administrativa em que são: — Exequente, A Fazenda Nacional, e executado António Costa, casado, proprietário, residente em Santa Marta.

PRÉDIOS A VENDER

1.º

O direito a 1/10 avos numa courela no sítio da herdade da Amoreira, freguesia e concelho de Alcoutim, confronta no seu todo, do norte com a viúva de Joaquim da Palma, sul com Manuel Cavaco, nascente com António Coelho, poente com António Pereira, inscrito na matriz predial rústica da referida freguesia, sob o art. n.º 5.077, descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.145, no Livro B-17 a folhas 106 v.º, e que vai à praça com o valor de 8.427\$00.

2.º

O direito a 1/10 avos numa morada de casas com três compartimentos, ramada e palheiro, sita no Monte de Santa Marta, freguesia e concelho de Alcoutim, confronta no seu todo, do norte, sul, nascente e poente com a via publica, descrito na respectiva matriz predial urbana da mesma freguesia sob o artigo n.º 497 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 7.146 do Livro B-17 a fls. 107, e que vai à praça com o valor de 1.944\$00.

3.º

O direito a 1/10 avos numa varzea com árvores, no sítio do Couto do Atalho, freguesia e concelho de Alcoutim, que confronta no seu todo, do norte com Manuel Guerreiro, sul com Luíza Martins, nascente com o Rio Guadiana e poente com José Assunção, inscrito na matriz predial rústica da referida freguesia, sob os artigos n.ºs 7.901, 6.908 e 6.905 e inscrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 7.147 do Livro B-17 a folhas 107 v.º, e que vai à praça com o valor de 18.841\$50.

MAIS se faz saber que ficam por este meio citados os credores desconhecidos do executado para virem à referida execução deduzir os seus direitos.

Vila Real de Santo António, 23 de Outubro de 1953.

Verifiquei: — O Juiz de Direito,  
Francisco Nunes Correia

O Chefe da Secção de Processos,  
Adelino Augusto Miguens Carvalho

**FOTÓGRAFO OU AJUDANTE****PRECISA-SE**

Que saiba retocar negativos e positivos, e queira tomar a gerência da

**Fotografia BARBOSA**

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**Ào Comércio**

Indivíduo apres., educado, longa prática comercial, fanteiro, oferec., para empregado balcão, viajante ou lugar compatível, em casa de movimento. Cede refer.

Resposta: Armandino Simão — Portimão.

**Holland-America Line**  
**SERVIÇO REGULAR MENSAL**

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

**“ALMDYK”**

carrega em LISBOA em 25 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DONGEDYK» — 3 de Novembro

«DRINA» — 16 de Novembro

«LOCH RYAN» — 3 de Dezembro

AGENTES GERAIS

**CARLOS GOMES & C. A. L. DA**

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21148 — 21789

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**

Avenida da República-Telefone 12

**Dactilógrafo**

Oferece-se ao domicilio, e bem assim para arquivo de correspondência e ficheiro.

**Manuel Monchique Ribeiro Alves**

Vila Real de Santo António

Telefone 211

Está indeciso?

Não hesite. A HAVANEZA é a casa que melhor pode servi-lo em todos os trabalhos de fotografia.

**PENSÃO FELIX**

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António



a única lâmina que barbeta toda a gente!

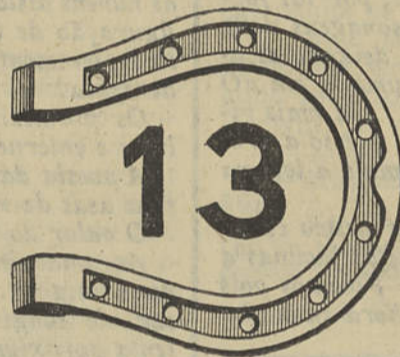
AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino  
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

**VINHOS DO CARTAXO****MARCA DE VINHOS**  
de Consumo e Exportação  
**QUE MARCA**

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa  
é o seu Proprietário

AGENTES EM:

**África e Brazil**

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA  
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,  
«Minha Ultima Marca»  
e «Aguardente Velha Ribatejo»

**PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO**

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London &amp; South America Limited

Borges &amp; Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

**ANTONIO NUNES CUNHA**

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

**CARTAXO — Portugal**

Telegramas: «TREZE»

Telefone

13 - Cartaxo

27 - Ericeira

821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

# “MARROCOS ANDALUZ”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

de Espanha, Portugal, Marrocos, Argélia e Tunísia, um pequeno mundo especial entre a Europa e a África, mundo este que tem muito mais da segunda que da primeira, pois ao passo que os montes de Atlas são muitos largos e de ondulações suaves e cheias de passagens, os Pirinéus são agudos, inacessíveis, compactos e não tem mais passagens do que caminhos de cabras e desfiladeiros à beira de fundos abismos. «Parece que uma vontade eterna indica com eles um mandato de não comunicação com a Europa...»

Por qualquer processo geológico que tivesse aparecido o estreito de Gibraltar, o caso é que Andaluzia teria estado pegada ao Rif, do qual foi separada para ficar pegada à Espanha da Meseta.

A esta Andaluzia, diríamos ocidental, segue-se a zona geográfica natural da Andaluzia oriental sem a observação atenta da qual «nada se entenderia do valor humano do Sul espanhol», pois os Estados e civilizações de tipo hispano-africano se basearam precisa e exactamente nessa moldura orográfica que dir-se-ia já preparada...

Andaluzia oriental. *Xarq-al-Andalus*. Precisamente esta Andaluzia oriental de Murcia e Alicante foi a base do poder de tartessos, fenícios e cartagineses, na Idade Antiga, e do poder omíada na Idade Média.

Desde a Pré-história começou a Espanha a desempenhar uma função geo-política de ponte continental, sendo a terra onde se punham em contacto os europeus e os africanos ocidentais. Assim, ao rebordo da Meseta, agarraram-se as raças paelolíticas de tipo europeu (franco-cantabro e cro-magnon), deixando ali a sua magnífica caverna de Altamira. Em troca, pelo Estreito passaram os diversos tipos africanos que predominaram sempre no Sul, nas mesetas, no Ebro e no litoral levantino até Lérida.

«Não se pode entender a relação da Espanha com Marrocos e com todos os países que, semelhantes a ele, formam o que se costuma chamar África do Norte, Magreb, África menor e Berberia, se não se pensa na base geológica que têm as emigrações humanas. Assim, entre a África e o seu exacto prolongamento, a Arabia, que é uma África mais pequena, essas emigrações enviaram para a Península cinco expedições colonizadoras: primeira, a das serras penibéticas e suas consequências mariánicas; segunda, a dos paleolíticos capsíens; terceira, a dos iberos neolíticos, base do espanhol castiço; quarta, a dos tartessos que aparecem no Sul pouco depois dos iberos; quinta, a dispersa, mas continua, emigração árabe, que dura desde o eneolítico, na alvorada da História, até ao século XII da nossa era.»

A raça capsíense que vulgarmente se chama de Cogul pelo nome de caverna onde se encontram algumas das suas mais curiosas pinturas (embora haja muitas outras cavernas pintadas, repartidas pelas províncias de Almería, Málaga, Murcia, Albacete, Teruel e Lé-

rida, onde se veem cenas de caça com cervos e caçadores com penas como os peles-vermelhas, e acompanhados por mulheres com saia em sino), essa raça parece ter estado, como o provariam essas pinturas, em relação com populações negras ou negroides da África Central, onde se têm encontrado pinturas semelhantes, pinturas que existem também nos oásis do Sul argelino e marroquino, por onde pois poderia ter sido feito o caminho.»

A terceira expedição do Continente Africano para a Espanha fora, como se disse, a dos Iberos: este é o momento culminante das origens espanholas. Com efeito «coincidem geógrafos, antropólogos e historiadores em afirmar que o tipo ibero, chamado também berbere, é ainda hoje o fundo da raça espanhola na maior parte das regiões peninsulares, pois onde foi mais numeroso e mais se adaptou ao solo, absorveu e obteve todos os elementos que se puseram em contacto com ele. Aragão, Navarra, as Castelas, Extremadura superior, Leão, o Centro e Sul de Portugal, Canárias o parte da Catalunha, são as suas zonas mais características.

Ao Sul predomina também o ibero, ainda que se note à simples vista a marca profunda das emigrações árabes e de raças afins. Noutras zonas que não são iberas estuda-se seriamente o seu possível contacto com o ibero-berbere. Por exemplo, entre os bascos, dos quais alguns investigadores suspeitam conexões berberes na língua e inclusivamente na raça, — assunto ainda muito obscuro, todavia. Por último, está a zona Noroeste de: Galiza, Portugal septentrional e Asturias, que parecem livres de influência ibera.»

Quando entraram na Espanha os primeiros iberos? Ao terminar o largo período glaciário que durara desde 30.000 até 3.000 antes de Cristo. A Europa e o Mediterrâneo teriam sido então muito frios; pelo contrário, o Saará e a Arábia, países temperados, férteis e abundantes em caça. Ambos começaram a secar ao mesmo tempo: os enormes rios tornaram-se em avenidas. Então debandaram dali tribus brancas de guerreiros e caçadores, que se derramaram por sobre as terras mediterrâneas vizinhas e semelhantes: a expansão humana do Saará deram-se por sobre as terras norte-africanas e daí passou o Estreito de Gibraltar, — não por certo duma única vez, mas em ondas sucessivas, acumulando-se repetidamente nas zonas mais propícias, e com mais dificuldade nas outras.

Há a notar porém que entre os berberes existem, (segundo os estudos franceses mais recentes) dois tipos raciais diferentes (e por vezes opostos). O primeiro seria o ibero verdadeiro; o segundo, um raça mais antiga, meramente iberizada. O ibero verdadeiro seria de origem saariana, nómada nas suas origens e dedicado à criação de gado. É o que foi chamado *libio* pelos egípcios e gregos, *númida* pelos romanos, *botr* pelo historiador árabe Ibn-Kaldune. O seu idioma é chamado *tamazig*. O rifenho é o modelo desta raça em que

abundam os indivíduos loiros. Esta parece ser a própria raça ibero-berbere da Espanha.

O segundo tipo é de raça menos pura: de agricultores pacientes que se agarram a qualquer pedaço de terra e de pequenos comerciantes muito tenazes. Prontos aos mais rudes trabalhos, emigram com facilidade, voltando porém logo que podem ao seu povoado que é a sua verdadeira pátria. Na sua origem esta raça viveu em cavernas e tem tendência a usá-las; e na maior parte das regiões associa a esta tendência o gosto das festas locais. Os gregos e latinos chamaram *getulo* a este tipo humano; Ibn-Kaldune chama-lhe *branes*, e também se lhe tem chamado *maqmda*. O seu idioma é dito *chelja* ou *xelja*. Modelo típico desta raça é o susi que facilmente se pode ver nas lojas em Tanger. Mais delgado e baixo que o rifenho, e frequentemente com mescla de sangue negro, inclusivamente na variedade do negro de pele branca ou de mulato palido tão conhecido na América.

Um terceiro tipo existe ainda, de origem mal definida, classificado como do segundo (*branes*), mas mais parecido com o primeiro (*botr*). Talvez um tipo mestiço: é o chamado *senjara* em Marrocos e *kabila* na Argélia. Problema todavia ainda algo obscuro, este das raças, como o das línguas berberes que, embora divididas em dois grupos, como se disse, nem por isso deixam de ser derivações de uma língua comum.

Notável é, sem dúvida a coincidência múltipla do folclore e da psicologia entre os espanhóis e a maior parte dos berberes. «Danças comuns de paus e de saltos, calçados de esparto, lenços de cabeça em forma de venda, antigo *sagum* ou capa da Celtibéria que sobrevive no suljam e no alboroz marroquino. Figurinhas de bronze encontradas nas escavações de Despeñaperros parecem rifenhos de hoje. Curiosa experiência moderna é a da Argélia onde berberes da Argélia e do Rif, espanhóis de Alicante e Almería trabalham juntos. Vestidos, muitas vezes, uns e outros com o mesmo traje azul de mecânico e a mesma boina, é impossível diferenciá-los.»

«Na psicologia muitas coincidências se notam também entre o carácter espanhol e o fundo de carácter marroquino e argelino. Todos eles se têm distinguido sempre pelo seu particularismo por vezes exagerado; e pela tendência às formas políticas minúsculas, à atomização no social e nos costumes. A guerrilha, a tertúlia, a partida, a comissão, e grupo de amigos. Também é típico do espanhol e do marroquino a falta de meio termo: ou ideais pequenos e muito caseiros, ou ideais elevadíssimos e cavalheirescos. Cada espanhol médio e cada marroquino médio não conta, nas grandes ocasiões, senão consigo próprio. Isso infunde-lhe consciência desproporcionada do seu próprio valor, para mais ou para menos. Quer dizer: que se empenha em manter a sua opinião própria e em não ser contraditado, ainda que opine sobre temas de especialização que ele desconhece. Da-

# O Trabalhador Rural

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

falam com admiração os que o conhecem, todos aqueles que o conhecem, desde um Eisenhower, a um Generalíssimo, representantes respectivamente da mais forte e completa República Democrática e da mais anti-comunista Nação do Ocidente — Salazar é o grande Deputado, no concerto da vida autêntica do Estado, dos pequenos proprietários, sociedade a que pertence de coração.

Não vem da prosáia dos reis o eminente beirão nem das fileiras dos partidos tubaranescos. É um rural sábio e cristão que jamais renegará a sua origem. Quem haverá aí que, sabendo pensar, o duvide?

Com a paciência e a calma vontade do hortelão tem desenhados e bastante florescentes já grande parte dos canteiros do seu horto — jardim político — O Portugal Corporativo.

Mas não descansa quem nasceu para trabalhar honradamente. Como há dias afirmou, em Bragança, um catedrático de Finanças — que é transmontano e disso nunca se esquece — é este o seu programa de Deputado na legislatura de 1953-57: «Continuo fiel ao programa do Senhor Presidente do Conselho — electrificação, caminhos e fontanários nas nossas aldeias!»

O meu programa de momento contém também outras ideias para o período seguinte — vamos defender-nos da erosão das encostas e das altas montanhas; intensifiquemos a zootécnia pela difusão da ensilagem; esperemos que o Estado possa aumentar as obras de pequena hidráulica, que tornem mais propícia a vida reconduzida e humilde das pousadas e casais.»

Falando também, em Bragança, o sr. Ministro do Interior exemplificou com a obra de Salazar nesse distrito:

«Abastecimento de águas nas melhores condições higiénicas a 282 povoações do distrito; de estender a rede de saneamento a outras; de construir ou reconstruir 800 Km. de estradas e caminhos vicinais, 174 edifícios destinados a escolas, 6 hospitais, 152 cemitérios, 29 fontes, matadouros, mercados, etc.; e também foi ele que se preocupou com a instalação conveniente dos mais diversos serviços públicos.

Os melhoramentos estão à vista de todos, e com eles se dispendeu mais de uma centena de milhar de contos — cifra esta que não inclui a já gasta pelo Estado na construção de pontes, na abertura de estradas, nos serviços florestais, na edificação e instalação

qui também aquilo de crer na *real gana* de cada qual e o não fazer às vezes o que se poderia fazer, contentando-se com o saber que poderia fazer-se...; excesso de personalidade que impede cristalizar muitas formulas magníficas em obras definitivas. Tudo absoluto. Riqueza que tende a realizar os seus fins em formas aventureiras... Frases tão típicas como aquela de *fazer sair a casa pela janela*. Paradoxo de ver (precisamente na Espanha, terra de tão antiga e funda civilização!) um entusiasmo em refazer tudo a cada passo, como se fosse um país virgem, — pois é muito corrente no espanhol o reorganizar incessantemente... A dupla realidade de D. Quixote e Sancho, distintos, mas inseparáveis.»

Olhão, 25-X-53

Francisco Fernandes Lopes

de tribunais, casas de magistrados, cadeias, etc., etc..

Em período algum da nossa História o Governo esteve tão atento às necessidades e aspirações do povo, em ordem a dar satisfação às mais florescentes e com maior reflexo do seu bem-estar e na elevação do seu nível de vida.

Não quer isto dizer que já tudo esteja feito. Não! A electrificação do nosso distrito está tão atrasada e é nele tão baixa a capitação do consumo de energia que, mesmo em relação ao País e sob este aspecto, ele constitui com efeito uma zona negra. Mas felizmente que o Plano de Fomento, já em plena execução, encarou este problema e previu o dispêndio de importante verba destinada à sua solução. Ainda neste particular, é pois com confiança e optimismo que poderemos encarar o futuro.»

E concluiu:

«Os candidatos da União Nacional por este círculo são filhos e netos de lavradores e sentem por isso a vocação da terra. Defende-la, protege-la, preservar a vida dos lavradores, primeira forja em que se caldearam as virtudes da raça, dos perigos que a ameaçam, será a sua constante preocupação. Eles sabem que se torna necessário elevar o nível social dos trabalhadores do campo, dando a higiene e o relativo conforto de que já disfrutavam muitos outros operários. Eles não vos iludem com promessas mas vivem, como poucos, os vossos anseios e aspirações. Se o volume das já satisfeitas é grande, nem por isso diminuirá o ritmo a que estamos habituados para satisfação das restantes que forem julgadas legítimas.»

Congratulemo-nos, tralhadores rurais, pois o advento da vossa era vai chegando. O primado dos que fogem da terra terá de construir-se de molde que a vossa felicidade não possa desprezar-se, que nela assenta a felicidade e a paz da Nação.

A. Boaventura

## Através do Passado...

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

da Jordânia — sem razão alguma.

Como contentar tantos descontentes? Com o Direito da força ou a força do Direito?

Nutri sempre pelos judeus uma velha simpatia que a morte traiçoeira do conde Bernardotte e de um oficial francês fez diminuir.

Agora surge outra mancha sangrenta do povo de Israel: por três judeus mortos sacrificam-se cinquenta e seis árabes — filhos da Jordânia.

É isto justiça? E chama-se a este gesto canibalesco uma expedição primitiva?

Em que tribunal do orbe pode haver alguém que seja juiz em causa própria?

Não! Trata-se unicamente de uma maneira criminoso de castigar falsos delitos e estravar os ódios acumulados.

Meu fagueiro Outono, estende os teus braços de luz bendita e de paz carinhosa por essas cabeças dementadas!...

Marcos Algarve

## Aposentação

Foi concedida a aposentação, a seu pedido, ao distribuidor dos C. T. T., sr. António Hermenegildo. Funcionário zeloso e cumpridor, durante os largos anos em que exerceu a sua actividade nesta vila, grangeou, mercê das suas qualidades pessoais, gerais simpatias e muita estima.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

Anunciar no «Notícias do Algarve», defensor dos interesses da nossa provincia, é ter a certeza de aumentar as suas vendas e tornar conhecidos os seus produtos.

## Campeonato Nacional da II Divisão

## ● FUTEBOLE ●

## LUSITANO, 0-OLHANENSE, 1

Para o Campeonato Nacional da II Divisão e perante grande assistência, defrontaram-se nesta vila, no passado domingo, as equipas do Lusitano e do Olhanense.

Sairam vencedores, com todo o merecimento, os antigos campeões do Algarve que apresentaram pela primeira vez os seus jogadores argentinos Del Duca e Santiago valorizando bastante a sua turma. Foram precisamente eles os melhores elementos no terreno e na sua actuação terá que se encontrar fundamentalmente a superioridade manifestada pelos olhanenses sobre os nossos conterrâneos. Esplêndidos dominadores da bola, desmarcaram-se com impressionante sentido de oportunidade para os melhores locais e, sem grandes espaventos, abriram constantemente brechas na defesa contrária colocando invariavelmente o esférico nos pés dos companheiros em óptimas condições de trabalho.

De tal forma actuaram esses estrangeiros profissionais da bola que nem a saída de Vinício no fim do primeiro tempo, por expulsão excessivamente rigorosa do árbitro, se chegou a notar. Espectador que não tivesse reparado na saída do avançado-centro olhanense não notaria a diferença numérica entre as duas turmas em contenda.

O golo dos vencedores foi marcado a 10 minutos do fim, por intermédio de Gomes, depois de uma primorosa entrega de Del Duca. Balbino cometeu, então, o seu único deslize não saindo a diminuir o ângulo de tiro.

Gostámos da equipa olhanense. Defesa rápida sobre a bola, dura e marcando cerradamente. A meia defesa anulou totalmente os interiores lusitanistas e soube utilizar os seus interiores para a distribuição e organização do jogo de ataque.

Temos ouvido numerosas opiniões dos adeptos vilarealenses sobre as causas da derrota da sua equipa e com poucas, quase nenhuma, estamos de acordo.

Quanto a nós, a causa primordial da derrota do Lusitano está precisamente nas virtudes patenteadas pelo seu adversário, as quais já referimos, e, sobretudo, no poder excepcional de organização de jogo de Del Duca e Santiago.

Afirmamos isto, evidentemente, sem esquecer as falhas verificadas no conjunto vilarealense e o pobre rendimento de algumas peças nas quais devia assentar o funcionamento do mecanismo da equipa.

Entendemos que a principal falha do Lusitano foi a incapacidade de construção de jogo dos seus interiores. Padesca, tocado fortemente num pé, nunca foi o interior com que a equipa contava e Modesto revelou pouco poder.

Sem desejarmos desculpar a falta de iniciativa dos dois extremos e as deficiências de Antunes, afirmamos que eles nunca foram servidos em condições, nem pelos interiores, nem pelos médios que nunca ligaram convenientemente a extrema defesa com os homens mais avançados. Sanina e Rodolfo serviram quase sempre a linha da frente com o jogo pelo ar que a defesa olhanense destruiu facilmente.

O terço defensivo encarnado voltou a fazer bom jogo e a ser o esteio da equipa. Jorge vem subindo de jogo para jogo e revela agora mais conhecimento do seu difícil posto. Reina parece ter deixado de vez o jogo violento a que se entregava e, por isso, feliciamos-lo, sinceramente. Está mais jogador. Marca o extremo de melhor maneira e calcula com mais atenção o tempo de entrada, evitando as dificuldades que experimentava com as entradas de facto que os extremos evitavam com certa facilidade. O defesa direito Rui, dentro da sua característica sobriedade, cumpriu inteiramente, como já vai sendo tradicional.

As equipas, sob a arbitragem do sr. Henrique Valido, alinharam:

*Lusitano:* Balbino; Rui Jorge e Reina; Rodolfo e Sanina; Almeida, Padesca, Antunes, Modesto e Germano.

*Olhanense:* Abraão; Graça, Tavares e João Manuel; Toupeiro e J. Fernandes; Simões, Santiago, Vinício, Del Duca e Gomes.

Em reservas, o Olhanense derrotou o Lusitano, por 3-1.

L. C.

**Resultados da 6.ª jornada:**  
LUSITANO, 0 - Olhanense, 1  
Almada, 0 - C. U. F., 0  
Luso, 1 - Portimonense, 2  
Esp. Beja, 1 - Juventude, 0  
União, 4 - S. Domingos, 0  
Farense, 1 - Montijo, 0

## FARENSE, 1-MONTIJO, 0

## Triunfo justo dos algarvios

Prosseguindo no Campeonato Nacional da II Divisão, Zona C, realizou-se em Faro, no Estádio de São Luís, perante regular assistência o encontro de futebol entre o grupo local e o Montijo, cujo resultado foi favorável aos locais pela diferença mínima. Sob a arbitragem do sr. Inocêncio Calabote, auxiliado pelos srs. Mário Mascarenhas e João Pimentel, da Associação de Evora, os grupos formaram:

*Montijo* — Cruz; Almeida e Caixearinha; Jorge, Fabrega I e Gimenez; Raúl, J. Maria, Fabrega II, J. Joaquim e J. Luís.

*Farense* — Santos; Nelo e Américo, J. Joaquim, Artur e Atraca; Brito, J. Maria, Vinuesa, Campos e Queimado.

Os guardiões suplentes eram Eurique pelo Farense e Charrua pelo Montijo.

O jogo teve início às 15 horas e dez minutos, e na primeira jogada numa bola passada pelo avançado-centro Vinuesa, J. Joaquim atirou forte à baliza e o guarda-rosas Cruz, defendeu com dificuldade a soco. Seguidamente Vinuesa volta a tocar a bola a Campos, este chuta, e no lance saiu magoado Campos, que saiu fora do rectângulo para receber tratamento, voltando pouco depois. O Montijo também desenhava algumas jogadas de perigo, mas o Farense foi o grupo que neste período mandou no terreno, pois os seus avançados excelentemente apoiados pela linha média muitas vezes criaram perigo e só não marcaram por manifesta falta de sorte.

O primeiro tempo terminou com os grupos empatados, mas o clube algarvio já merecia pelo menos dois golos.

O segundo tempo foi ao contrário, pois os rapazes do Montijo cresceram e foram superiores ao adversário em todos os promenores, e depois do golo marcado formidavelmente pelo espanhol Vinuesa, num remate como um canhão, num passe esplêndido de José Maria, tornaram a fazer jogadas de grande classe.

Haviam decorridos 20 minutos de jogo, quando num lance infeliz, saiu magoado Artur, e assim o Farense teve que recuar, pois o Montijo estava a dominar e assim muito mais dominava, pois o Farense jogou o resto do encontro apenas com 10 homens, e Santos, aleijado também, num choque com um adversário.

Neste período o Montijo merecia um golo, mas a defesa algarvia a jogar numa tarde acertadamente, porquanto o defesa lateral Nelo, teve que ocupar o lugar do defesa central Artur, e José Maria, teve que passar para o lugar de médio direito de ataque, nunca deixaram que as suas redes fossem tocadas.

Quase no fim do encontro, novamente Vinuesa, conduz uma avançada e entrega com boa conta a Queimado, que chutou para a baliza que se encontrava deserta, e na altura que a bola ia já com o caminho certo, aparece o defesa Fabrega a atirá-la para fora.

Este jogo, foi disputado com correcção por ambas as partes, e isto favoreceu a arbitragem do sr. Inocêncio Calabote, embora tivesse expulsado no último minuto da partida, o médio Jorge, do Montijo, num lance incorrecto. Parabéns, pois, ao sr. Calabote e aos seus auxiliares.

Sobre os grupos podemos dizer sómente que, fizeram uma boa partida de futebol, especialmente o grupo algarvio, que sem os seus interiores José Lopes e Gralho, mostrou vontade e saber. A equipa do Montijo é bastante pesada e tem uma defesa excelente e um ataque muito bom e com muito sentido de jogo.

Sobre os jogadores vamos fazer as seguintes apreciações:

Pelo Farense: Santos, à parte três saídas em que não conseguiu agarrar o esférico, esteve atento e seguro; Nelo, umas vezes por outras viu-se e desajeitou-se para conter as infiltrações de Luís; Américo, cotou-se como um defesa útil, pois jogou sempre com garra e entregou muitas bolas aos avançados, à parte de três ou quatro vezes ser batiado pelo extremo à sua guarda; J. Joaquim, foi o jogador que alimentou os avançados, pois jogou admiravelmente a entregar; Atraca, esforçado, embora a maior parte das vezes, em pura perda, não por culpa própria, mas sim por ter à sua guarda um adversário de categoria. Nos quinze minutos finais ocorreu a todos os postos, empurrando com propósito a linha avançada; Brito, muita vontade, mas nada se viu deste jogador, também, do que a preocupação de levantar o jogo; Campos, bem enquadrado na equipa, teve passes ao seu extremo e cruzamentos à esquerda que o creditam como um bom executante; Vinuesa, este foi o jogador mais evidenciado na equipa de Faro, e

## CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport.	6	6	—	—	21	1 12
Portimonense	6	5	—	1	14	6 10
Olhanense	6	4	—	2	9	2 8
Juventude	6	3	1	2	5	6 7
C. U. F.	6	3	1	2	15	10 7
Sporting Farense	6	3	1	2	10	15 7
Montijo	6	2	—	4	9	10 4
S. Domingos.	6	2	—	4	3	11 4
Esp. de Beja	6	2	—	4	5	13 4
LUSITANO.	6	1	1	4	4	7 3
Almada A. C.	6	1	1	4	5	12 3
Luso	6	1	1	4	8	15 3

## Jogos para hoje:

Almada - LUSITANO  
Olhanense - Luso  
Portimonense - Esp. Beja  
Juventude - União Sport  
S. Domingos - Farense  
C. U. F. - Montijo

foi sem dúvida alguma, o melhor dos 22 homens que actuaram em S. Luís. Deu seguimento a quase todo o jogo! Bom domínio de bola e marcou um golo de excepcional categoria. Está a subir de jogo a jogar, não obstante o adversário que teve, como é Fabrega, o antigo internacional do futebol espanhol; José Maria, jogou com garra, brio, entusiasmo, desmarcando-se convenientemente, teve alguns remates à baliza de Cruz, que só não entraram por falta de sorte; por último Queimado, que jogou muito abaixo das suas possibilidades.

No Montijo, destacamos na defesa o guarda-rosas, pelas intervenções oportunas a Campos e Vinuesa; Fabrega, coutou-se como o melhor aos defesas, jogando todo o tempo na mesma toada; o treinador Gimenez, não jogou como de costume, mas apesar disso, não deixou de mostrar a sua categoria; o outro médio, não jogou bem, mas teve alguns remates certos; os avançados destacamos José Maria, Fabrega II e Raúl.

Antes deste encontro o S. C. Farense, defrontou para o Campeonato de Reservas do Algarve, a 1.ª categoria do Silves, cujo resultado foi um empate a zero.

Graças à Associação de Futebol de Faro, teve realidade o que os grupos do Algarve, há muito esperavam, pois, estes jogos servem para os jogadores se prepararem convenientemente, a fim de poderem substituir qualquer jogador do 1.º team. Foi arbitrado pelo juiz do Algarve, sr. Armando Santos.

A Direcção do Farense suspendeu por dois anos os seus jogadores Gralho e José Lopes

Em reunião extraordinária daquele clube foi resolvido castigar os jogadores Gralho e José Lopes, por recusa destes no jogo que os representantes de Faro tiveram que fazer no Barreiro com a C. U. F.

## Mais um argentino para o Olhanense

A Direcção, sob a presidência do importante industrial sr. Carlos da Cruz, acaba de contratar para o 1.º team do S. C. Olhanense mais um jogador argentino, que muito vem valorizar as suas categorias principais. Trata-se de Osvaldo Bordejo, um jovem de 23 anos que actuava nas reservas do River Plate de Buenos Aires, que nos treinos daquele popular clube, tem mostrado ser um jogador de grandes qualidades.

Assim a Direcção do clube acaba de fazer mais um gesto de amor clubista, pois não há dúvidas absolutamente algumas, que os homens que se encontram actualmente à frente do clube são capazes de fazerem levar o Olhanense ao lugar que tem direito.

No domingo o Olhanense defrontará no seu campo o Luso do Barreiro, e concerteza já actuará junto dos seus companheiros Del Duca e Santiago, o categorizado médio de ataque Bordejo.

H. V.

## Quem perdeu?

Encontra-se no Pósto da Guarda Nacional República, desta vila, um Portimonense com dinheiro, que foi encontrado no recinto da Feira, e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

## JOSÉ BORGES DA GAMA

MÉDICO

Abriu consultório na  
Rua Conselheiro Frederico Ramirez  
Consultas às 16 horas  
Vila Real de Santo António

## Vida Literária

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

celebrado explorador francês, continua a publicar os mais sensacionais livros de viagens. O último aparecido nas livrarias foi «Da Kenia au Kilimanjaro», de Roland Truffaut. Conta-nos as aventuras de sete alpinistas franceses — entre eles uma mulher — nos mais elevados picos da África.

● O conhecido romance de Georges Arnaud, «Le Salaire de la Peur», acaba de tocar no número dos 100.000 exemplares.

● Um dos mais curiosos livros que um estrangeiro tem escrito sobre os Estados Unidos da América é, sem dúvida, a obra de Pierre e Renée Gosset, e intitulada «L'Amérique aux Américains». Desdenhando Nova Iorque, desembarcaram em Kansas City e daí partiram para a sua viagem de 20.000 Km., do Mississippi ao Pacífico, transmitindo ao leitor, através das páginas do seu livro, as suas curiosas e imprevistas impressões.

● A Feira da Ladra de Paris — o famoso Marché aux Puces — vai ter as honras dum volume. As edições Julliard pensam lançar no mercado, no mês de Novembro, uma obra da autoria de Aida Louppe em que serão revelados ao leitor os segredos e as curiosidades desse mercado popular. Devemos admitir que será certamente um livro extremamente interessante. Ficamos aguardando...

● Winston Churchill é um estadista respeitado e venerado em todo o Mundo, e com inteira justiça, mas não é um escritor cujas obras lhe valessem, só por si, a entrada na Posteridade. A Academia Sueca resolveu atribuir-lhe o mais alto galardão a que um homem pode ambicionar — o Prémio Nobel. Choremos essa estranha decisão! Tomemos a lista dos Premiados com os Nobel da Literatura e vejamos, a sangue frio, a triste figura que a obra literária de Churchill pode fazer lado a lado com a dos gigantes que nela estão incluídos. Pirandello, Mauriac, Selma Lagerlof... Que voltas deve ter dado no túmulo o extraordinário Rudyard Kipling!

Este ano, entre os candidatos, figurava o célebre romancista Ernest Hemingway. A Academia Sueca preferiu-lhe Winston Churchill. Pobre Prémio Nobel! Paz à sua alma!

## Panorama Nacional

● Que notícias podemos nós dar aos nossos leitores, agora que o nosso pobre meio literário está calmo e sossegado como o Mar da Palha? O panorama é desolador;

De todos os editores a quem pedimos que nos facultassem um simples apanhado das suas próximas publicações, só dois (!) se dignaram corresponder ao nosso desejo. Os outros, todos os outros, fecharam-se nas suas conchas de marfim, como se lhes tivéssemos pedido a Lua. E no entanto, eram eles que iam beneficiar da orientação que pretendíamos dar a esta modesta secção... E' esta apatia, filha legítima do trabalho mal compreendido, que está na base do péssimo nível da literatura portuguesa.

E' de facto confrangedor verificar que as montras das nossas livrarias se enchem, ou de livros estrangeiros ou das suas traduções em língua portuguesa. Originais nossos não aparecem, e os que são regalia de meia dúzia de autores dos chamados consagrados. Os novos, aqueles que podiam em-

prestar ao ambiente alguma coisa da sua animação e da sua própria vitalidade, esses são esquecidos ou, mais comodamente ainda, ignorados. Mas o «slogan» é: Lugar aos novos!

Quem poderá dizer com exactidão quantos verdadeiros escritores terão ficado pelo caminho, vítimas desta política, esmagados por este desprezo, ou cansados por esta luta inglória e sem compensação?

Editar livros é, sem dúvida, um negócio como outro qualquer, ou melhor, um negócio como nenhum outro, já que envolve essa coisa sagrada que é o próprio espírito do Homem. Pretender exercê-lo no mesmíssimo plano em que se exerce a venda das hortaliças, é, pelo menos, não estar à altura de entender o verdadeiro significado da expressão «espírito humano».

O autor das linhas viu o seu primeiro livro regeitado por um editor que nem sequer se deu ao trabalho de o folhear... O «Hamlet» ou os «Lusitadas» teriam tido, em identicas circunstâncias, a mesma triste sorte. E' isto que é lamentável. E' isto que atrai a literatura portuguesa para as últimas filas da literatura mundial. Isto e outras coisas do mesmo género...

Em contrapartida, qualquer droga impingida por um dos tais consagrados, teria sido aceite de olhos fechados e sem sombra de hesitação. E' por isso que a nossa literatura — ou esse estranho fenómeno que dá por esse nome — não passa, nem passará tão cedo, dum literatura regionalista, de meia tigela, sem horizonte e sem futuro, sem aceitação no estrangeiro e sem prestígio internacional.

Já que temos possibilidade de modificar este estado de coisas, tenhamos ao menos a coragem de olhar de frente a Verdade, por muito triste, muito crua ou muito desanimadora que ela seja!

A' laia de «Post Scriptum»

● Os Estúdios COR continuam a demonstrar — com factos e não com simples imagens de oratória — que todos os elogios que são tecidos à volta da sua obra são inteiramente justos. Nunca será demais salientá-lo. Acabamos de receber o n.º 1 do «Boletim de Informação Literária da Editorial Estúdios COR». Isto é o que se chama — preencher uma lacuna!

Além da sua magnífica apresentação, esse «Boletim» vale pelo seu conteúdo e, principalmente, pelo seu significado. Dedicar as primeiras páginas às obras já editadas e dá depois uma breve notícia sobre as suas próximas realizações. Isto é corrente lá fora, mas é — pelo menos com nosso conhecimento — inédito entre nós. Não somos grandes nem poderosos, mas somos sinceros e desinteressados, e por isso oferecemos aos Estúdios COR toda a nossa simpatia e toda a nossa colaboração. Não é um favor — é apenas um acto de justiça e uma retribuição. A nossa próxima VIDA LITERARIA será inteiramente dedicada à obra, sem paralelo da Editorial Estúdios COR.

Quem dá o que tem...

● Os Livros das 3 Abelhas constituem uma colecção curiosa, que procura manter uma directriz muito interessante. Volumes de pequeno formato, a baixo preço, e contendo obras de suficiente mérito. «O Fogo e as Cinzas» é o título do último livro desta colecção, da autoria de Manuel de Fonseca.

J. A. Mendes Leal

Assinal «Notícias do Algarve»